

## A desconstrução como abertura polifônica e relacional em Jean-Luc Nancy

### *Deconstruction as a polyphonic and relational opening in Jean-Luc Nancy*

#### Resumo

Nesse artigo analisaremos a forma como se estrutura a desconstrução, em Nancy, como movimento de desfecho e de abertura dos nossos aparelhos conceituais. No primeiro tópico, exporemos as conotações que esse “evento” assume, a partir do pensamento de Jaques Derrida. E nos perguntamos: podemos falar de uma herança desconstrutiva? Esse termo propicia uma partilha filosófica entre os dois filósofos-amigos? Em seguida, enfatizaremos o papel negativo do prefixo “des” em desconstrução e sua ultrapassagem para o termo “adoração”. Por fim, veremos a relação entre os termos “struo”, “destruo” e “construo” e como isso se relaciona a uma nova concepção da história.

**Palavras-chave:** desconstrução; metafísica; Jean-Luc Nancy; Jacques Derrida.

\* Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: dspiga25@unifesp.br

Recebido em: 02/08/2023 Aceito em: 16/02/2024

### Abstract

*In this article we will analyze how the movement of deconstruction is structured, in Nancy, as a movement of opening of our conceptual devices. In the first topic, exposing the connotations that this term assumes in the thought of Jaques Derrida, we will analyze how the “event” of deconstruction is configured in Jean-Luc Nancy. Can we speak of a deconstructive heritage? Does this term provide a philosophical sharing between the two philosopher-friends? Then will emphasize the negative role of the “de” of deconstruction and its surpassing in the term “adoration”. Finally, we will see the relationship between “struo, “destruo” and “construo” and how this relates to a new conception of history.*

**Keywords:** deconstruction, metaphysics; Jean-Luc Nancy; Jacques Derrida.

### A desconstrução e a herança derridiana em Jean- Luc Nancy

Há uma indagação que aqui fazemos: o que permanece após a morte da metafísica, do “fim das ideologias”, do “fim da história” e do “naufrágio do sentido”? O que perdura depois da nietzschiana “morte de Deus”, dos horrores que caracterizaram o século passado e da experiência desconstrucionista que depurou os detritos e as incrustações do pensamento ocidental? O que resta são seus espectros sombrios, nossa condição existencial de enlutados e um “longo adeus” que se prolonga. Como afirma Derrida na *Gramatologia*, a metafísica está encerrada, mas não acabou. O que nos sobra, portanto, é a repetição do que nunca houve e do que nunca será, aparição enquanto reaparição do que, na verdade, nunca esteve presente, mas que permitiu, como recalque, a sua própria autoafirmação, vislumbrando uma “lógica da obsessão” e da “assombrologia”<sup>1</sup>.

---

1 Reenvio aqui a definição de Derrida em *Espectros de Marx*, onde ele diz: “Repetição e primeira vez, mas também repetição e última vez, pois a singularidade de toda primeira vez faz também uma última vez. A cada vez, trata-se do mesmo acontecimento, uma primeira vez e uma última vez. Totalmente outro. Encenação para um fim da história. Chamemos isto de uma obsidiologia”. Derrida, J. *Espectros de Marx*. Tradução: A Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 26.

Nosso tempo está desajustado, arruinado, fora dos eixos, como diz Derrida ecoando Hamlet. Ora, como superar os “andaimos da ontologia” e as implicações ocultas que fundamentaram nossa tradição? Como lidar com esses fantasmas da tradição? Como esconjurá-los? A crítica ao pensamento ontológico dá vida, em Derrida, a um pensamento antiontológico, ou melhor, a uma *hantologie* que é constantemente interrogada pelas suas obsessões (*hantise*). Todo o pensamento filosófico ocidental, como ele argumenta em *Spectres de Marx*, está mancomunado com o luto interminável por uma Origem, por uma Verdade soberana inalcançável e pela busca de um fundamento de existência primevo que possa dar sentido a todos os anéis da cadeia existencial. Qualquer projeto de refundação, qualquer remanejamento de uma ontologia, portanto, segundo o filósofo magrebino, termina barrado por essa dificuldade. Ou seja, acaba por ser anelado pelo objeto desejado ao pretender torná-lo fixo, sem contaminação, caindo, ao mesmo tempo, em sua própria armadilha, capitulando frente à impossibilidade de determinar a Origem e a Verdade como conceitos puros.

Do martelo de Nietzsche, passando pela *Abbau* husserliana até a *Destruction* heideggeriana, trata-se de uma reflexão da filosofia ocidental sobre seu lugar, sobre seu caráter demasiadamente autonormativo e autossuficiente; assim, como sustenta Vattimo, na verdade: “Não é Derrida a praticar uma ‘autocrítica’ (termo ligado até hoje a uma odiosa prática totalitária, ou a uma curiosa ilusão de autossuficiência...), é o Ocidente a desocidentalizar-se, a deslocalizar-se e mundanizar-se – a disseminar-se”<sup>2</sup>. É o Ocidente – e não Derrida com seus hiperbolismos linguísticos estéreis, estetizantes e “pseudo-literários”, seguindo a notória crítica de Habermas à *French Theory* – que começa a não mais se perceber como autossuficiente, sempre ancorado em um resto, que sabota a presumida autarquia que sua tradição encerra.

Mas como romper com a ontologia, então? Como levar a efeito o parricídio enquanto continuamos falando a sua mesma linguagem? Já Heidegger, na *Carta sobre o humanismo*, declarava a dificuldade da empreitada desconstrucionista em se livrar da metafísica e a impossibilidade de terminar sua obra-prima com uma penúria constitutiva da linguagem para expressar o inexprimível. Como vimos, em Derrida, também, somente podemos falar dos limites da metafísica a partir do interior deles. O que temos que fazer é mostrar a “necessidade-impossibilidade” dessa tarefa, apontando para a natureza

---

2 Subito dopo la scomparsa di Jacques Derrida. Conversazione di S. Benvenuto con J.-L. Nancy | European Journal of Psychoanalysis (journal-psychoanalysis.eu)

suplementar da origem como não originária e diferencial, e para o que nos resta, ou seja, um pensamento dos rastros que inviabiliza o estabelecimento de qualquer identidade absoluta:

*não tem nenhum sentido abandonar os conceitos da metafísica para abalar a metafísica; não dispomos de nenhuma linguagem — de nenhuma sintaxe e de nenhum léxico — que seja estranho a essa história; não podemos enunciar nenhuma proposição destruidora que não se tenha já visto obrigada a escorregar para a forma, para a lógica e para as postulações implícitas daquilo mesmo que gostaria de contestar.<sup>3</sup>*

“Pular fora da metafísica é impossível”: essa é a advertência mortífera que, segundo Vattimo, apresentou-se a Heidegger e a Derrida na tentativa ultrajosa de sua transgressão<sup>4</sup>. É nesse sentido que, no próximo tópico, nos perguntaremos como Jean-Luc Nancy recebe essa herança do próprio mestre e veremos como essa preocupação entretetece um diálogo prolongado entre eles. E como se estrutura a desconstrução, enquanto “exercício de suspeita”, “leitura a contrapelo”, desmontagem de todas as evidências autofundadas da tradição, no “filósofo do tato” e na sua “ontologia dos corpos”? Como responde a esse desafio pós-metafísico “o maior filósofo francês da geração imediatamente sucessiva a Foucault, Levinas, Deleuze e Derrida”<sup>5</sup>? Em que se tocam e em que se distanciam o pensamento da “desconstrução” e da “disseminação” nos dois amigos-estudiosos? Podemos falar de uma partilha filosófica entre os dois filósofos “na tangente que aproxima e dissocia duas inflexões de um mesmo (plural) registro: a desconstrução”<sup>6</sup>? Dessa forma, Nancy descreve a sua relação com o filósofo dez anos mais velho do que ele:

3 Derrida, J. *La scrittura e la differenza*. Tradução nossa. Torino: Einaudi, 1990, p. 362.

4 É possível pensar um real rompimento da metafísica, a partir de Derrida – pergunta ainda Vattimo no seu prefácio à versão italiana de *Scrittura e differenza* –, sem ficarmos presos aos maneirismos dos seus estudiosos mais rigorosos e fieis? [...] porque sempre nos movemos dentro de quadros de experiência do mundo predispostos pela linguagem que herdamos, que “fala conosco”, e da qual não podemos prescindir para ir miticamente “às próprias coisas”; mas ir às coisas em si não é apenas impossível; não garantiria uma superação da metafísica, pois o sonho de encontrar o ser como um objeto presente diante de nós é o que constitui a metafísica. Vattimo, G. Derrida e o ultrapassamento della metafísica. In: Derrida, J. *La scrittura e la differenza*, op. cit. p. XIII.

5 Esposito, R. Introdução. *Libertà in comune*. In: Nancy J.-L. *L'esperienza della libertà*. Tradução nossa. Torino: Einaudi, 2000, p. VII.

6 Monteiro, H. Figurações do infigurável: entre Jacques Derrida e Jean -Luc Nancy. In: *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, n. 45, 2013, p. 26.

[...] nunca quis ser um derridiano. Jamais se deve obedecer a uma linha de pensamento, seja ela qual for, cartesiana, heideggeriana, derridiana. Em compensação sem dúvida que o enxerto, a prótese em geral, mas não apenas a suplementariedade, mas também o surgimento do que vem de fora, de alhures ou do outro, logo, o caráter intrusivo faz parte do pensamento.<sup>7</sup>

Nenhuma etiqueta derridiana, nenhum papismo reverencial ao autor, nenhuma corrente em que encaixar o próprio pensamento nas esteiras das grandes correntes filosóficas, mas, ao contrário, é na forma de uma intrusão, de uma prótese, de um acessório que vem de fora e que mostra a sua natureza supletiva e nunca definitiva que ele descreve esse *rapport* com Derrida<sup>8</sup>.

Quanto à desconstrução, alvo de ambos é o pensamento da plenitude e do absoluto<sup>9</sup> que sedimenta e imobiliza o sentido nos conceitos usurados e vazios da metafísica e que determina a presença como eterno presente dilatado. É necessário, portanto, libertar os significantes do próprio significado dado, uma vez que este nunca existiu, impedindo a reapropriação circular e totalizante do sentido de cada sistema filosófico. Somente através de uma explosão das clausuras metafísicas e do desmoronamento dos princípios os “lugares” poderão finalmente ser “deslocalizados e postos em fuga por um espaçamento que os precede e que, somente mais tarde, dará lugar a novos lugares. Nem lugares, nem céus, nem deuses”<sup>10</sup>. É necessário disseminar o ocidente e deslocalizá-lo para, quem sabe, abrir, para usar um termo querido a Nancy, para uma nova mundialização, para que algo de novo nasça. A esse respeito, podemos relembrar como o próprio Derrida, ecoando Nietzsche acerca de

---

7 Nancy, J.-L. Apertura dell'aporia. In: Eyben (org.), *Pensamento intruso: Jean-Luc Nancy & Jacques Derrida*. São Paulo: Editora Horizonte, 2014. p. 17.

8 A esse respeito, reenvio ao livro de Eyben dedicado à relação entre Derrida e Nancy, no qual sustenta: “O pensamento intruso nasce, na contemporaneidade, de certa noção, trazida por Nancy (é também, anteriormente, o que este, por sua vez, reconhece, em relação a Derrida), de enxertia, de impossibilidade de um sujeito estar totalmente ciente de si, de sua consciência e de seu estatuto fenomênico no mundo. Assim, o intruso é aquele que ressoa, que faz ressoar o sentido, que se impõe à “força” e, desde logo, um pensamento que chega sempre de fora, desde o outro”. *Ibidem*, p. 9

9 É na desconstrução do absoluto que está, segundo Tuppini, o marco distintivo do filósofo alsaciano. “A desconstrução deve ser inevitavelmente desconstrução de alguma coisa. Não existe a desconstrução e basta. Existe somente a desconstrução de algo, evidentemente de algo não construído, então algo de sólido, de metafísico, de logocêntrico, de fálico etc., ou seja, no caso de Nancy: do absoluto”. Tuppini, T. J.-L. *Nancy. Le forme della comunicazione*. Tradução nossa. Roma: Carrocci, 2012. p. 8.

10 Nancy, J.-L. *A declusão (Deconstrução do Cristianismo, I)*. Tradução: A. Carvalho, A. Mendes, B. Padilha e F. Bernardo. Coimbra: Palimage/Terra Ocre Ed., 2016, p. 293.

um espírito livre na criação de novos valores, define a desconstrução como “inventiva”<sup>11</sup>. De fato, como poderia ela abalar a ordem estabelecida sendo de algum modo “conservadora”, “reacionária”, “homogênea”? Desconstrução que tem essencialmente a ver com a invenção do outro, do outro impensado e inesperado que quebra a margem, a fronteira, invenção que não é invenção do possível, mas do impossível. Para Derrida, de fato, é apenas do impossível que pode nascer a invenção, porque se fosse possível, não haveria invenção:

*A desconstrução é inventiva ou não é; ela não se contenta com procedimentos metódicos, abre uma passagem, está em marcha e [...] marca o seu passo, implica uma afirmação. Esta última está ligada à vinda do evento, do evento e da invenção. Mas só pode fazê-lo desconstruindo uma estrutura conceitual e institucional da invenção, que tentou controlar algo da invenção, da força da invenção: como se fosse necessário, para além de certo estatuto tradicional da invenção, reinventar o porvir.<sup>12</sup>*

O porvir, reinventar o futuro, significa não somente quebrar essa fronteira, através da qual eu espero o que vem a partir de um presente, de uma compreensão prévia, mas também deixá-lo vir abandonando todas as constatações em vista de um performativo absoluto<sup>13</sup>.

Ora, se isso quer dizer que Nancy recebe o legado da desconstrução do próprio mestre, salientamos, todavia, que “esse não é o último termo do pensamento de Nancy que se singulariza afastando-se de uma nova tradição”<sup>14</sup>. Isso porque se, em Derrida, a filosofia mantém-se não cumprida na sua contínua *mise en abyme*, interrompida através de um “pensamento parasitário” da

---

11 Concordamos aqui com Neyrat quando sustenta que: “Nancy estaria, sem dúvida alguma, de acordo com Derrida ao dizer que a desconstrução é aquilo que tem por missão deixar um lugar para o impossível, o heterogêneo, o acontecimento, o “por vir” (Derrida). Nesse sentido, desconstruir não é destruir, mas mostrar que há jogo – em todo o sentido do termo – lá onde cremos tudo imutável, desconectado de toda alteridade como de toda alteração”. Neyrat, F. *Le communisme existenciel de Jean-Luc Nancy*. Tradução nossa. Paris: Lignes, 2013, p. 9.

12 Derrida, J. *Psyché. Invenzioni dell'altro*, vol. I. Tradução nossa. Milano: Jaca Book, 2008 p. 37.

13 A referência aqui é aos atos performativos de Austin. Atos linguísticos que não se limitam a uma mera descrição da realidade, mas que comunicam um movimento e produzem um efeito no mesmo ato de fala.

14 Neyrat, F. *Le communisme existenciel de Jean-Luc Nancy*, op. cit. 10.

“origem impura”<sup>15</sup> e de um “talvez”<sup>16</sup>, em que rastros, espectros, suplementos e reenvios inviabilizam a possibilidade de uma nova ontologia; em Nancy, ao contrário, há o projeto desafiador de fundar uma filosofia primeira, uma ontologia pós-desconstrutiva<sup>17</sup> e materialista que possa fugir da metafísica violenta da presença através de um pensamento labiríntico dos retículos, da multiplicação das identidades, de termos indefiníveis<sup>18</sup> que se contaminam para reconfigurar novos espaços e aberturas como entre-existências que se tocam e se endereçam como corpos. Ao trabalho de luto e à nostalgia do homem atormentado pela perda e por seus fantasmas, de Derrida, Nancy responde com a decisão ativa da existência do sujeito que, como um explorador, lança-se na descoberta de novas terras e de trilhas não traçadas na recriação de si e do mundo. A esse respeito, é o próprio Derrida a reconhecer a coragem e a ousadia de Nancy em recuperar e ressignificar os termos tão pesados e exangues da metafísica:

---

15 Com esse termo Vattimo define a necessidade de Heidegger e Derrida de ultrapassar a metafísica. Assim ele comenta: “No programa de ultrapassar a metafísica, em Derrida como em Heidegger e em todos os outros autores que se movem nessa perspectiva, há uma origem necessariamente impura – frequentemente não explicitamente reconhecida. [...] Essa origem “impura” é primeiramente uma atmosfera geral do tempo: a época em que se verificou uma Nietzsche-Renaissance (anos 60), paralela e interconexa com a retomada de interesse por Heidegger (que finalmente penetra também na cultura, hegemônica, de “esquerda”), em baixo do marco do “fim da filosofia”, ou seja, uma difusa expectativa por uma transformação radical do papel mesmo do pensamento”. Vattimo, G. Derrida e l’oltrepassamento della metafísica. In: Derrida, J. *La scrittura e la differenza*, op. cit. p. XI.

16 A importância do talvez é assim sublinhada por Derrida: “Um talvez abre e precede sempre o perguntar, suspende antecipadamente, não para neutralizá-las ou inibi-las, mas para tornar possíveis todas as ordens determinadas e determinantes que dependem do perguntar [...]. Esta é uma necessidade a que nós tentamos fazer justiça”. Derrida, J. *Politiche dell’amicizia*. Tradução nossa. Milano: Cortina, 1995, p. 54.

17 A este respeito, Nancy lembra, como em uma entrevista com Federico Ferrari, Derrida o definiu “pós-desconstrutor”: “Uma vez, Derrida me chamou de ‘pós-desconstrutor’. Ele disse isso brincando, sem dúvida, porque ele conhecia bem a fraqueza de cada denominação “post...”, mas ao mesmo tempo aquela definição continha algo real, porque ele mesmo teria preferido não ter mais nada a ver com o termo ‘desconstrução’. Não só porque se transformou em ‘método’ e em ‘demolição’, mas porque, afinal, o próprio Derrida já a havia ultrapassado – embora nem ele soubesse exatamente o que isso poderia significar”. A entrevista completa se encontra em: <https://www.doppiozero.com/che-cose-la-decostruzione>.

18 Assim Roberto Esposito fala sobre a dificuldade linguística da obra de Nancy em sua “Introdução” ao texto do filósofo francês *A experiência da liberdade*: “A escrita de Nancy é uma escrita livre de qualquer compromisso sistemático ... uma busca obstinada e incansável da simplicidade que está no cerne da extrema dificuldade” [...] O texto de Nancy, antes mesmo de traçar uma tese, mostra, liberta, abre um espaço de pensamento a que às vezes faltam palavras – a tal ponto que temos de deformar aquelas que temos ou inventarmos novas”. Esposito, R. Introdução. *Libertà in comune*. In: NANCY J.-L. *L’esperienza della libertà*, op. cit., p. VII.

*Já o disse em outras ocasiões, repito-o, se necessário: o meu estupor agrade-cido. Frente ao fato inaudito de que Jean-Luc Nancy, como sabemos todos, tem a coragem, ousaria dizer o coração, de encarregar-se da herança, e não somente contentar-se com a tradição, a maior, de mais venerável li-nhagem, em viver com ela, mas enfrentar todos os fantasmas conceituais que alguns entre nós, em todo caso, acreditamos, ou julgamos, tanto fatigo-sos quanto fatigantes: o sentido, para começar, e depois o mundo, e depois a criação, e depois a comunidade, e depois a liberdade, como muitos outros que enfrentaram de peito, lá onde outros, entre os quais eu, fugiram, pro-curando justificar ou organizar sua evasão.*<sup>19</sup>

Portanto, frente ao tremor, frente à recusa obstinada e a circunspeção do fi-lósofo mais velho em retomar esses termos opõe-se a atitude afirmativa e im-pávida de Nancy, que volta a esses fantasmas conceituais para ressignificá-los. Assim, Derrida não somente ironiza os títulos tão magniloquentes e tão obsti-nadamente metafísicos de Nancy como o “Sentido do mundo” ou a “Experiên-cia da liberdade”, mas também comenta abertamente essa diferença de “estilos” e “gestos” entre os dois: “Em todo caso, pareço detectar nele a perceptível preocupação com uma pergunta, ‘Deve ser dito?’, à qual Nancy visivelmente responderia, já há muito tempo, ‘sim, deve ser dito’ – e eu, desde muito tem-po, ‘não’”<sup>20</sup>. Dessa maneira, se termos clássicos da metafísica como “sentido”, “liberdade”, “mundo” e “comunidade” são abandonados por Derrida, demons-trando o déficit semântico em que se encerram, em Nancy, ao contrário, eles apontam para uma “indecidibilidade” que já não os conserva aprisionados nas sedimentações das representações, mas leva-os até o limite da própria signifi-cação, abrindo em direção a um “enigma de um sentido diferente”<sup>21</sup>. Esquema-tizando, poderíamos dizer que se Derrida, segundo Nancy, focaria mais na par-te *destruens*, sem extrapolar o campo conceitual ao qual, antes, permaneceria preso; Nancy, segundo Derrida, passaria apressadamente para parte *costruens* sem ter se demorado suficientemente na análise genealógica do velho termo<sup>22</sup>.

19 Guibal e Martin apud Ducci, B. *La comunità del disincanto*. Tradução nossa. Firenze: Editrice Clinamen, 2014, p. 167.

20 Derrida, J. *Rogues*. Tradução nossa. California: Stanford University press, 2005, p. 56.

21 Esposito, R. Introdução. *Libertà in comune*. In: NANCY J.-L. *L'esperienza della libertà*, op. cit. p. XVIII.

22 Morin, M. E. Putting community under erasure: Derrida and Nancy on the plurality of singu-larities. *Culture Machine*, v. 8, 2006.

Para Nancy, é possível abrir-se a uma linguagem não dialética, a uma escrita plural e a formas expressivas não lógicas que não se fixem em representações, reduções ou reabsorções, mas que se reformulem em uma sintaxe constantemente em movimento. Temos que depurar, limpar os escombros que se sedimentaram no pensamento da metafísica ocidental e que levaram às tragédias do século passado através de uma conduta que consiga desatar as malhas que a tradição empareda e cerca para “romper definitivamente com o circuito dialético entre excedência do sentido e a sua recondução normativa à esfera pressuposta dos significados”<sup>23</sup>. E é justamente a ousadia de uma “escrita livre de qualquer compromisso sistemático” que, segundo Esposito, coloca Nancy entre “aqueles autores do século XX que evisceraram a palavra filosófica abrindo-a para uma nova potencialidade expressiva, qual seja, Wittgenstein, Benjamin e Bataille”<sup>24</sup>. Fato que, todavia, como lembra Derrida no livro a ele dedicado *O tocar*, não torna Nancy imune aos riscos de certo empirismo. Assim ele fala a esse respeito:

*O gesto desconstrutivo de Nancy está muitas vezes inscrito na forma de “não há ‘o’...” ou “não há ‘o’...” a necessidade é bem percebida. Mas o próprio Nancy sabe muito bem que, em relação a essa forma, ele deve agir com inteligência, transacionar, negociar. Caso contrário, arriscaria privá-la de qualquer determinação conceitual e do limite de todo discurso – ou de abandonar o mesmo discurso ao empirismo mais irresponsável... o artigo definido ou determinante já está engajado e exigido pelo discurso que o desafia.*<sup>25</sup>

O artigo determinativo já está implicado em cada discurso, assim como os termos já “terminam” os conceitos dos quais falam. Portanto, como pensar uma desconstrução total do *logos* da filosofia sem cair nas suas armadilhas e sem sermos silenciados pela asfixia de uma linguagem afásica? Para Derrida, é nessa tentativa de superar o limite, no desejo da filosofia de sua superação, de se confrontar com seu outro, com o outro que escapa irredutivelmente ao *logos* grego e na sua impossibilidade de sair dessa estrutura que se situa o

23 Esposito, R. Introdução. *Libertà in comune*. In: Nancy J.-L. *L'esperienza della libertà*, op. cit. p. IX.

24 *Ibidem*, p. VII.

25 Derrida, J. *Toccare*. J.-L. Nancy. Tradução nossa. Genova: Marietti, 2007, pp. 357-358.

sonho empirista<sup>26</sup>. Alvo do empirismo, segundo Derrida, é um pensamento do pluralismo cuja intenção é superar a ontologia, através de um “segundo parricídio” que possa finalmente matar o pai do *logos* grego de verdade.

Ora, Nancy tenta obstinadamente ir “ao coração das coisas”, visar e atingir a concretude da coisa tornando as palavras sensíveis na própria heterogeneidade sem esclerosá-las. Os conceitos “precarizam-se” nas mãos desse “trabalhador do conceito”, porque ele não busca mais segurá-los ou prendê-los nos velhos baluartes da metafísica, mas os revira do avesso para enxergar seus limites e suas *chances*<sup>27</sup>. Não há um significado dado e fechado porque este está sempre a ponto de nascer novamente na matéria e na espessura da palavra que se faz superfície entre as outras. É nessa concretude que, concordando com Tuppini, reside o mérito de nosso filósofo, ao ter “positivado” a desconstrução. Ou seja, ao ter transformado as análises textuais teóricas em uma “fenomenologia do real” que se move dos conceitos às coisas, redescobrimo, assim, o verdadeiro sentido da ontologia.<sup>28</sup>

### A desconstrução como gesto inaugural em Jean Luc Nancy

A desconstrução em Nancy, assim como em Derrida, não tem uma conotação demolidora e destruidora, mas caracteriza-se por um uso “maquínico” e “inventivo”. Desconstruir, neste sentido, seguindo a metáfora de Nancy, não significa detonar um edifício<sup>29</sup>, mas direcionar nosso olhar escrutinador para

---

26 Derrida, referindo-se a Levinas, no ensaio *Violência e metafísica*, diz: “É o sonho de um pensamento puramente heterológico em sua origem. Pensamento puro da diferença pura [...] Mas o empirismo sempre foi determinado pela filosofia, de Platão a Husserl, como não-filosofia: a pretensão filosófica da não-filosofia, a incapacidade de se justificar, de se ajudar como palavra. Mas essa incapacidade, quando assumida com resolução, desafia a resolução e a coerência do *logos* (filosofia) na sua raiz, em vez de se deixar questionar por ele. Nada pode, portanto, impelir o *logos* grego – a filosofia – tão profundamente quanto essa irrupção do todo outro, nada pode, assim, despertá-lo mais para sua origem quanto a sua mortalidade, o seu outro”. Derrida, J. *La scrittura e la differenza*, op. cit. p. 196.

27 Fynsk, C. Foreword: Experiences of finitudes. Tradução nossa. In: *The inoperative Community*. Minneapolis: University of Minnesota, 1991, p. IX.

28 Tuppini escreve no livro *Le forme della comunicazione* a respeito do mérito de Jean-Luc Nancy: “[...] positivou a desconstrução. Com Nancy parece possível converter o armamento conceitual muito sutil e, às vezes, desesperador do desconstrucionismo em uma fenomenografia da realidade”. Tuppini, T. J.-L. Nancy. *Le forme della comunicazione*, op. cit. p. 12.

29 É interessante ler a esse respeito a introdução de *Teoria da religião*, de Bataille, que utiliza a mesma metáfora do pensamento como construção, como “canteiro de obras”: “O pensamento é

aquilo que foi habilmente escondido por baixo, enxergar nos estratos e nos detritos o “gesto fundador” e “inaugural” que criou e, ao mesmo tempo, sigilou o *constructum*. Desta forma, Nancy descreve o movimento da desconstrução:

*O “de” indica a desmontagem, a disjunção, o tirar o lacre daquilo que a tradição selou. Selando, e se selando como tradição, como é normal que seja, a tradição cerra, fecha e se fecha... Se eu desconstruir, e não demolir, um edifício, um prédio, eu realço os fundamentos que ele escondeu e emparedeou, e o que está “sob” os fundamentos – porque estes também devem ser desconstruídos: acima de tudo estes. Destaco o mesmo gesto fundador (o momento, o impulso, o destino...). Mas este gesto eu o mostro... 1) Tal como nunca foi compreendido; 2) Tal como ignorava, necessariamente, aquilo que ele fundou e que foi selado por si mesmo.<sup>30</sup>*

É preciso não somente voltar a esse “gesto inaugural” para entrever nele o seu ímpeto primordial e aquilo que nunca foi dado, mas também desajuntar as peças e as engrenagens para abrir a um vazio não preenchido de possibilidades. Nietzscheiramente, é necessário “tirar a máscara” que encobre e mistifica o presente através de um movimento à *rebours* que não procure naquele “inaugural” um princípio fundante e originário, mas que, ao contrário, possa vislumbrar aquilo que não foi previsto e incluído assim como o seu contínuo jorrar.

É o inaudito do inaugural que interessa a Nancy e é na sua sempre possível reinvenção que a desconstrução explica o próprio valor afirmativo e seu fluxo dionisíaco. Em outras palavras, não se trata de procurar uma resolução ou revelação plena que finalmente mostre a transparência deslumbrante da verdade<sup>31</sup>, mas, sim, uma abertura que aponte para uma diferença constitutiva. É na reinvenção que reside o trato fundamental da desconstrução em Nancy. A essa

---

o tijolo cimentado em um muro. É um simulacro de pensamento se, no retorno que faz sobre si mesmo, o ser que pensa vê um tijolo livre e não o preço que lhe custa essa aparência de liberdade. Ele não vê os terrenos baldios e os amontoados de detritos a que uma vaidade suscetível o abandona com seu tijolo”. Bataille, G. *Teoria da religião*. Tradução Fernando Scheibe. Belo horizonte: Autentica, 2016, p. 17.

30 Nancy, J.-L. *Il senso del mondo*, op. cit. p. 218.

31 A filosofia, nesse sentido, torna-se o pensamento que, contrariamente à ciência, mostra as lacunas do pensamento: “Uma filosofia é sempre um canteiro de obras nunca uma casa. Mas seu inacabamento não é o mesmo da ciência. A ciência elabora uma multidão de partes acabadas e só o seu conjunto apresenta vazios. Ao passo que, no esforço da coesão, o inacabamento não se limita às lacunas do pensamento: é em todos os pontos, em cada ponto, a impossibilidade do estado último”. Bataille, G. *Teoria da religião*, op. cit. 19.

tradição, com suas malhas finas, portanto, é preciso opor aquele “gesto inaugural”, aquele ímpeto que fundou os pilares e que foi habilmente escondido por baixo “conduzindo-nos em direção àquilo que não é nem construído nem construível, mas que se retira da sua mesma estrutura, da sua caixinha vazia, que coloca em movimento o que a paralisa”<sup>32</sup>. É através de uma genealogia do não originário que podemos tirar o lacre da tradição e abrir o seu sistema fechado em direção àquilo que nunca foi dito e escrito livrando-nos da prisão da finalidade. Trata-se de dar ouvido às vozes silenciadas a favor da universalidade, de passar da descrição para a ex-criação dos eventos na pele finita do mundo que se retrai a qualquer absolutização. Segundo Nancy:

*É este voltar a si mesmo para descobrir que este “eu” não é dado, e nunca foi dado, e, portanto, está sempre por trás de todos os impulsos “arqueológicos”, e sempre à frente do próprio presente “desconstruidor”. A desconstrução é, enfim, a autobiografia de um sujeito que não se encontra através dessa autobiografia, e que não se encontra, além disso, exceto como uma reinvenção de um “eu”, como sempre, mais “por vir”. “Desconstrução” é a relação de uma pessoa que não se tornou um mito de si mesmo.*<sup>33</sup>

Desconstruir significa então não somente ler a própria autobiografia e não se reconhecer nela como sujeito determinado e fixo, mas também o apaziguamento de qualquer mito fundador a partir do qual justificar o passado, legitimar o presente e vislumbrar o futuro. É no hiato entre um passado não pleno, um presente fragmentado e um futuro indefinitivamente aberto que se situa a prática desconstrutiva. A desconstrução aponta para uma história que é reescrita e reinventada por um “eu” sempre diferente e sem um mito totalizante de si: autogênese de um sujeito que se performatiza no seu relacionar-se contínuo. Autobiografia de um sujeito que não se conhece, que não é “sub-structum” de nada, mas que se procura na polifonia de vozes disseminadas que o escrevem continuamente. Isso quer dizer uma pergunta contínua sobre

*o que foi construído, e de que começos, e como esses começos se qualificaram como tal, e finalmente – e talvez acima de tudo, como gostaria de mostrar – onde está sua proveniência? “Desconstrução” basicamente não significa*

---

32 Nancy, J.-L. *La creazione del mondo o la mondializzazione*, Tradução nossa. Torino: Einaudi, 2003, p. 46.

33 Nancy, J.-L. *Il senso del mondo*, op. cit. p. 219.

*nada mais do que isso: a filosofia, agora, não pode mais se livrar do problema da história – não apenas no sentido de sua historicidade interna, mas também no sentido de sua proveniência externa, embora a proveniência externa e a produção interna acabem por entrelaçar-se entre si. (É por isso que se trata apenas de bordas, de extremidades, fins ou limites da filosofia, sem que ela envolva mais nenhuma realização nem qualquer cessação.* <sup>34</sup>

Desconstrução que mostra, portanto, a parcialidade de cada construção que se revela, desde sempre, “pensamento móvel”<sup>35</sup>. É a própria construção que gera a desconstrução, ela é sempre re-construção provisória e parcial, canteiro de obras de uma estrutura em um processo perenemente autodesconstrutivo<sup>36</sup>. Ela constrói o próprio edifício sobre si mesma, tendo origem a partir da *Abbau* de um mundo mítico e longínquo e das suas sombras, recomeçando sempre de novo<sup>37</sup>. É neste sentido, que temos que olhar para a filosofia como um pensamento cuja “anamnese impossível” torna o elemento da desconstrução a ela congênito, ou melhor, “consustancial, porque ela se constrói na base dessa consideração: ocorre-lhe ser anterior ao seu próprio edifício, e até ao seu plano arquitetônico”<sup>38</sup>.

Desconstruir não significa então destruir para reconstruir e perpetuar o mesmo conjunto, mas abrir um espaço entre as partes de modo que as peças joguem (*laisser jouer*) e se abram para novas possibilidades, nas palavras de Calabrò: “Desconstruir, então, tem a ver com o ‘des-fecho’, com a ‘re-abertura’ dos lugares fundantes, para lançar luz não somente sobre os seus pilares, mas

---

34 Nancy, J.-L. *La creazione del mondo o la mondializzazione*, op. cit. p. 76.

35 Bataille, G. *Teoria da religião*, op. cit. 19.

36 E sabemos também que, para Nancy como para Derrida, a desconstrução não é um simples método crítico, ela se engaja no coração mesmo da ontologia, deixa ver aquilo que assombra [*hante*]. A desconstrução é, de uma certa maneira, o movimento mesmo da coisa, sua autodesconstrução permanente. [...] Entretanto, eu sustento que a desconstrução não é o último termo do pensamento de Nancy, que se singulariza se afastando de uma nova tradição. Neyrat, F. *Le communisme existencial de Jean-Luc Nancy*, op. cit. 10.

37 Assim fala Nancy a esse respeito: “A metafísica começa sempre, começou e recomeça, como *Abbau* daquilo que é *gebaut* (construído) (e que tem sempre a forma de templo e de palácio, de demora e de monumento e também de império ou de empresa”. Nancy, J.-L. *La creazione del mondo o la mondializzazione*, op. cit. p. 78.

38 *Ibidem*, p. 77.

também fazer aparecer o gesto fundador (o ímpeto, o impulso, a sorte)”<sup>39</sup>. É nisto que podemos ver como a desconstrução não é, na verdade, o negativo da construção<sup>40</sup>, mas a afirmação e a abertura a uma multiplicidade de significados através de um novo olhar que não fixa a realidade ao seu redor. Assim, filosofar não será mais a distribuição de um espaço inerme para um olhar escrutinador e ávido de informações que o organiza nas suas jaulas conceituais nem um pensamento dos dualismos que opõe um pensamento do aqui ao pensamento de um alhures, mas

*trata-se, antes, de abrir um espaço que inicialmente não é visível, de abrir um espaço para uma vista, ou um espaço de vista, que não será mais um espaço diante de um olhar. Se filosofar, então, teve no passado o significado de contemplar e fixar, hoje significa abrir os olhos, olhos que até agora ainda não foram abertos. Em outros termos: a filosofia, em seu começo, foi o efeito de uma experiência inédita do mundo – inédita, fastidiosa, inquietante, excitante. E é essa realidade de experiência que ela reencontra hoje.*<sup>41</sup>

“Abrir os olhos que ainda não foram abertos”. É esse o recado que Nancy nos dirige, temos que olhar para o mundo que nós somos com aquela maravilha, com aquele espanto (*thaumazein*) de tradição aristotélica, que permitiu o começo das especulações filosóficas. Filosofia, portanto, como um despertar para as mesmas questões que se repropõem novamente: “O que há por baixo dos fundamentos? Qual solo? Qual sangue? Qual origem? Qual é a pedra primeira? O que mantém juntas as pedras? Qual cimento?”<sup>42</sup>

Reconstrução, portanto, somente se entendermos com ela invenção, diferença e variação que mostra a pluralidade das existências que podem ser tais somente enquanto “mais de uma”, uma na frente da outra, uma ao lado da outra, obstaculando, colindo e se distanciando constantemente, substituindo

---

39 Calabrò D. J.-L. Nancy: alla frontiera di un pensiero a venire. In: *Il peso di un pensiero*. Tradução nossa. Milano: Mimesis, 2009, p. II.

40 Assim a estudiosa italiana Daniela Calabrò também sustenta uma não negatividade da desconstrução: “Desconstruir’ não é a fórmula ou a acepção negativa, dialeticamente opositiva de ‘construir’. Não se trata disso nem se trata de conseguir habitar o pós-moderno ou o ‘fim do sentido’ ou de enfrentar a ‘deriva nihilista’. Trata-se, ao contrário, de colocar fora do jogo, ‘dis-locar’, tirar o lugar que silenciou o Ocidente inteiro dentro das malhas da tradição”. *Ibidem*, p. I.

41 Nancy, J.-L. *Essere singolare plurale*. Tradução nossa. Torino: Einaudi, 2001, pp. VII-VIII.

42 Nancy, J.-L. *Le differenze parallele: Deleuze e Derrida*. Tradução nossa. Verona: Ombre Corte, 2008, p. 67.

o lugar do centro por “uma linha de fuga que libera e dinamiza seu sentido”<sup>43</sup>. Existências que nada mais são que espaçamentos que se dis-põem, o-põem e com-põem no contínuo endereçar-se recíproco. Em outras palavras, reme-timentos de pluralidades que constituem cada singularidade somente na ex-posição de uma para a outra, no contato, na comunicação, na circulação de sentidos, no proliferar contínuo de formas sem nenhuma figura de síntese. Não há qualquer solipsismo do sujeito fundador da tradição filosófica, enun-ciação, maiusculização a partir do qual começar a empreitada filosófica, mas tudo começa a partir de uma coexistência. É para esse caos de entes e existên-cias jogadas fortuitamente na “extrusão”, no embrulhamento e no empilha-mento, que precede e segue-se a qualquer construção, que a desconstrução lança seu olhar. Reinvenção como repetição e infinita gama de existências que se afirmam em cada golpe nascente que derruba qualquer nostalgia mítica da unidade, segundo Nancy:

*Rômolo não pensava fundar Roma; pensava fundar a nova Troia, como outros, mais tarde, acreditaram fundar a Nova-Espanha, a Nova-Inglaterra ou a Nova-França; a própria novidade é uma reprodução – no entanto, Roma será, ao mesmo tempo, o recobrimento, o sigilo da inovação e o seu desenvolvimento inédito incomparável.*<sup>44</sup>

Desconstrução como penetração e não suspensão ou volta a um sentido arcaico a ser recuperado. Ela “descerra em si a presença e a certeza fundada do mundo fundado em razão – liberta em si mesma sempre e de novo o *epekeina tes ousias*, o ‘para além do ente’: fomenta ela mesma o transbordamento do seu princípio de razão”<sup>45</sup>. Suspensão, *epoche* que não leva a um imobilismo nostálgico, mas que torna o pensamento responsável pela singularidade do sentido, tensão e desejo. Desconstrução então que comporta a “desnudação” do pensamento ocidental através de uma *chenosis* dos princípios e das oposições, dos fundamentos que preenchem os nossos saberes, da lógica dialética com a qual pensamos, dos paradigmas que direcionam nosso olhar e dos recintos que regimentam nossas relações.

43 Villani, M. *Arte della fuga: Estetica e democrazia nel pensiero di J.-L. Nancy*. Tradução nossa. Milano-Udine: Mimesis, 2021, p. 16.

44 Nancy, J.-L. *Il senso del mondo*, op. cit. p. 218.

45 Nancy, J.-L. *A declusão (Deconstrução do Cristianismo, 1)*, op. cit. p. 23.

Um pensamento “subtraído” a qualquer tipo de representação dogmática monoteísta que finalmente se coloca a nu sem tentar restaurar os velhos valores e que: “caída cada vestimenta, subtrai-se também a si mesmo, encontrando-se desprovido, privado igualmente de um objeto determinado, exposto a um obscuro sem-objeto, violento como o ‘fora’ de um mundo privado de um ‘fora’<sup>46</sup>. Ele não é mais aquele ato cognitivo que bloqueia a circulação do sentido e aponta para o infinito, mas um movimento que, escavando no negativo, abre a um excesso para um “não saber” de procedência batailliana, que não para de nos apelar. Contrariamente à ideia de um conteúdo noemático livre de qualquer contaminação externa, o pensamento toca as coisas concretamente, pensa sobre elas enquanto as pesa, “[...] visa a uma materialidade que parece bater sobre a parede muda e impenetrável das coisas experimentando junto a própria potência de colisão e o limite infringível delas”<sup>47</sup>.

Essa estrênuo pesquisa estilística, todavia, esse corpo a corpo com a linguagem não é sintoma de um artifício retórico estetizante, mas manifestação da necessidade de uma desconstrução da linguagem. O saber assim não será mais representação como visão de coisas dadas na nossa frente, mas a apresentação de uma posição ativa, de “um ali” que se expõe negando assim as outras coisas que ele não é. Pensando uma flor, assim, não devemos mais prendê-la em categorias taxonômicas que a reenviariam a um grupo ou um tipo, mas pensá-la na sua concretude de tulipa ou margarida, como flor que está bem na nossa frente, com seus perfumes e suas cores que a diferenciam de outra e assim a separam<sup>48</sup>. Isso quer dizer, pensar a coisa não como mero dado, mas como *factum*, como aquilo que se dá, como movimento, como fazer-se, e insurgência, sempre novos que se manifestam como passagem.

### Adoração, declosão, strução

A filosofia deve ponderar sobre os próprios pressupostos e fundamentos, operando uma contínua *mise en question* de si mesma que desvele e desmorone os pontos fracos, as verdades absolutas e as ambiguidades dos sistemas com suas

---

46 Nancy, J.-L. *Il pensiero sottratto*. Tradução nossa. Torino: Bollati Boringhieri, 2003, p. 41.

47 Esposito, R. Introdução. *Libertà in comune*. In: NANCY J.-L. *L'esperienza della libertà*, op. cit. p. VIII.

48 Nancy, J.-L. *Il senso del mondo*. Tradução nossa. Milano: Lanfranchi, 1997.

axiomáticas<sup>49</sup> através de um “olhar estrábico”, que como afirma a comentarista argentina Billi: “propicia uma visão do campo intelectual que sinaliza os caminhos que já não conduzem a nenhum lugar e mapeia as ruas que podem ser úteis para se mover no presente” através de “uma reconceptualização” da ‘relação’ e das muitas categorias ligadas a esta”<sup>50</sup>. E é aqui que podemos encontrar o papel fundamental exercido pelo “de” da desconstrução, porque somente através desse negativo que desmonta e tira os lacres do *proprium* e da Verdade é possível inaugurar a brecha que permite o des-fecho do nosso pensamento ontoteológico, dos sistemas como “vicários de Deus” possibilitando uma “abertura a”<sup>51</sup>.

Negativo que, todavia, em Nancy, não tem o papel de um freio imobilizador, mas, antes, se assemelha ao detonador de uma força propulsiva e explosiva capaz de gerar novas formas. Salientamos, assim, que é essa ênfase no negativo que levará o próprio autor a se inserir na linha de pensamento alemão, em contraposição ao pensamento afirmativo e vitalista francês de autores como Deleuze e Bergson. Por um lado, o pensamento clássico da metafísica da origem e da diferença que tenta suprir um antigo desde sempre perdido, por outro, um pensamento do devir e da potência em que a falta de fundamento joga luz sobre uma contínua transformação de forças que se atravessam. Negativo que, todavia, retomando a leitura hegeliana do nosso autor, não constitui uma parada abrupta nem é etapa provisória em vista de uma síntese cumprida, mas é processo plástico “inquieta” em que fermentam a multiplicidade positiva dos entes e a concretude da realidade. Negativo, cuja função, como bem

---

49 A esse respeito, salientamos que Nancy distingue entre uma axiomática, própria do pensamento, lógico-matemática e uma filosófica: “Se a lógica e a matemática conhecem a ‘axiomática’, isso acontece em um contexto em que é possível determinar um conjunto de princípios (‘axios’: digno, válido, estimável) sem que essa escolha afete nada além da combinação que derivará dela. A axiomática filosófica, ao contrário, é aquela segundo a qual nada é *axios*, se não aquilo que impede de fechar um sistema de axiomas e que, ao contrário, não para de abrir o pensamento em direção a uma superação de cada gênero de posição inicial e, portanto, final)”. Nancy, J. L. *Prendere la parola*. Bergamo: Moretj&Virali. Tradução nossa, 2013, p. 147.

50 Billi, N. Ontología y política: una relación sexual. In: *Jean-Luc Nancy: arte, filosofía, política*. Tradução nossa. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2012, p. 49.

51 Concordando com Calabrò, acreditamos que o ‘de’ da desconstrução não aponta para uma aniquilação, mas é a abertura de um sigilo e, ao mesmo tempo, abertura sem intencionalidade: “A realização do por vir do ‘de’ da desconstrução é então a abertura do sigilo. É a abertura do gesto inaugural, do gesto fundante que foi mascarado e escondido, colocado por baixo da terra, como os alicerces que erguem as nossas casas, o nosso mundo. Tirar o sigilo é des-fechar, abrir a... mas não abrir em direção, em ou para nenhuma direção, nenhuma intencionalidade, nenhuma finalidade: esta abertura não é direcionada para nada. Calabrò D. J.-L. Nancy: alla frontiera di un pensiero a venire. In: *Il peso di un pensiero*, op. cit. p. III.

explica Villani, não é a de “bloco no interior de uma espiral, mas de impulso propulsivo, que é também projeção para fora do niilismo”<sup>52</sup>, uma inquietação que mostra a constituição da singularidade a partir do outro através de uma latente promiscuidade. Isso quer dizer que não há nenhum *proprium* que não seja, na verdade, retorno para si, passagem da exterioridade para interioridade, sentido de uma coisa que começa somente a partir da volta, do outro como “concretude negativa” de um fora que é o meu próprio corpo e, portanto, “re-a-propriação”, diferença no coração da identidade.

É nesse “de” de desconstrução que, segundo Rosaria Caldarone, está a síntese desses dois elementos, somente aparentemente contraditórios, na intuição singular de Jean-Luc Nancy, que “indexa o de- de uma nova maneira e essa novidade coincide com o gesto de submeter a força separadora de negação à pressão do infinito”<sup>53</sup>. Levantar o sigilo sobre a tradição, segundo a expressão utilizada por Nancy, comporta uma *declosion*, ou seja, a abertura de um fechado, da mesmice autorreferencial, uma “desmontagem e desjuntamento dos fechamentos, das cercas, das clausuras. Desconstrução da propriedade – a do homem e do mundo”<sup>54</sup>. Abertura antieconômica que não abre para nada nem em direção de nada, mas somente “a”, ao que chega se aproximando, movimento de endereçar-se que, como sustenta Coelho, é o:

*movimento de se lançar à abertura que é cada alteridade – ou seja, pensar é abertura (de uma boca ou de outros buracos) a cada humano, a cada animal, mas também a cada planta, bactéria, vírus, uma abertura a cada pedra, estrela, a cada brisa que se endereça ao mundo e a nós, a este(s) mundo(s) que somos nós.*<sup>55</sup>

Abertura que não é processo orientado ou direcional, que não tem nenhuma finalidade a ser cumprida, fundação a ser preservada, meta ou endereço a ser checado, mas que é puro receptáculo de extensão das coisas do mundo, um fora que não conhece um por dentro e que se espaça permitindo que as existências entrem em relação. É esse prefixo negativo “de”, vigia de um ímpeto

52 Villani, M. Introduzione. Arte, vita e politica nel disegno filosofico di Jean-Luc Nancy. In: *Il disegno del piacere*. Tradução nossa. Milano-Udine: Mimesis edizioni, 2017, p. 17.

53 Caldarone, R. Prefazione. *Jean-Luc Nancy e l'iperbole del finito*. Epekeina, v. 3, n. 2, p. 11.

54 Nancy, J.-L. *A declosão (Deconstrução do Cristianismo, I)*, op. cit. p. 293.

55 Coelho, C. C. *Ontologia, um materialismo mágico: a bruxa, a ciborgue, a vegana, o canibal, o cristo, o vírus, o zumbi, o capital, a natureza e os bichos*. Rio de Janeiro: Ape'Ku: 2020, p. 48.

propulsivo<sup>56</sup> que, todavia, começará a incomodar Nancy e o levará à procura de outro termo capaz de mostrar o devir ateológico do pensamento: “adoração”. Termo que dá título ao segundo livro publicado por Nancy dedicado à desconstrução do cristianismo e que segue de alguns anos o livro *A declosão*. Adoração é o fruto da desconstrução, em outras palavras, é o que resta após o esvaziamento do cristianismo e de sua autoridade transcendental. *Adoração* como linguagem que não transmite mais nenhum significado, nenhum sentido último, mas é reenvio e direção não intencionada. Desfecho de tudo que se tende e estende em nossa frente na evidência da superfície, no esticar-se das peles do mundo. Um fora em que cada “a” não é destino, mas encontro, um “ir em direção de”. Adoração como em-con-tro que não alcança o outro e nem pretende, mas que enquanto palavra direcionada reconhece e afirma a existência do outro sem idolatrias ou fixações teleológicas.

Prática do pensamento que pensa o excesso e os movimentos dos corpos como fendas abertas no nada, naquele *ad-* que localiza a partir da separação e proximidade das coisas como fora-dentro do mundo. Adoração que é um olho, uma boca, um corpo como aberturas que não se bastam, satisfazem e que não *religam*, mas que como ímpeto revelam um mundo aberto sobre si mesmo. Em um mundo em que não há mais um Deus para ser adorado, o seu nome torna-se um *élan* em direção ao aberto que nós somos como seres finitos e, portanto, relacionais. *Ad-oratio* que mostra como “o dizer” é uma transcendência sem transcendência que no seu chamado não espera resposta nenhuma, mas é sempre exposição ao fora, inter-relação entre os entes abandonados ao mundo fortuito ao seu excesso que na palavra evoca o inominável. Prostração que me inclina em direção ao outro que não consumo e do qual eu não me aproprio, mas que me abre ao contágio. Adoração do divino que é nada mais que adoração de tudo o que existe, aqui e agora, no seu ser tensão sem ser intensão e nem objeto.

A injunção do nosso tempo, que a desconstrução exemplifica, é, portanto, demolir a ótica de um absoluto e de um pressuposto e suspender nas bordas, nas interrupções e naquele “entre” que caracteriza cada aspecto da realidade como marcado sempre por um resíduo que não é nada mais que o limite que

---

56 Reenvio aqui ao prefácio da versão italiana do texto *L'Esperienza della libertà*, em que Esposito analisa a peculiaridade da perspectiva do nosso filósofo sobre esse 'de' afirmativo de desconstrução: “É verdade que a tensão afirmativa já era presente tanto na *Destruction* heideggeriana quanto na *deconstruction* de Derrida (e, de certa forma, no 'negativo' de Hegel). Mas somente em Nancy, ele adquire os movimentos de um impulso, de um recolocar em jogo, do gesto inaugural”. Esposito, R. Introdução. *Libertà in comune*. In: Nancy, J.-L. *L'esperienza della libertà*, op. cit. p. IX.

compartilhamos com o outro. Contingência, simultaneidade, amontoado dos seres e das coisas sem nenhuma finalidade, sem nenhuma disposição que organize as partes segundo uma lógica arquitetônica, teológica ou teleológica.<sup>57</sup>

Ao contrário, podemos ver como ao nosso tempo seguiu-se uma “hipertrofia das construções” que se desgastaram, perdendo seu valor. Um *boom* das construções que, como salienta Nancy, foi mais “mecânico” e menos “construtivo”. Mais uma montagem, como uma obra de arte, por mão de um engenheiro, do que de um criador. Mais pontes do que prédios, palácios e sepulcros próprios da metafísica da presença com seu poder incontestado. Edificamos como em uma colagem em um embaralhamento entre meios e fins. Ora, se o tema da destruição, como salienta Nancy, já tinha exercitado seu fascínio perturbador em autores como Baudelaire, Mallarmè e Rimbaud; o tema da ruína, das construções arruinadas e desfeitas já havia inebriado com sua melancolia os românticos.

Mas por que esse fascínio? Poderíamos perguntar: seria próprio dos homens e das mulheres um pavor em concluir que os levaria a postergações contínuas e ao elogio do que está já arruinado? A *hybris* de terminar e fechar as construções se subverte no medo de chegar até o fim. Terror das estruturas que se fundamentam em um plano, em um projeto que se imobiliza no solo e se encerra em quatro paredes e, ao mesmo tempo, um sentimento arrebatador e perturbador frente às ruínas<sup>58</sup>. *Décombres*, que deriva do francês *décombrer* e significa quebrar as margens. Ruínas como aquilo que resta quando o rio transborda suas barragens mostrando sua potência irruptiva. As ruínas da história, para as quais olha aterrado e impotente o anjo da história de Walter Benjamin. Pilhas de escombros que crescem no campo da história que, todavia, apontam para uma *chance* redentora que quebre o *continuum* homogêneo do historicismo. Os resíduos, os objetos

---

57 Neyrat, a esse respeito, enfatiza os riscos da *strução*: “A filosofia de Nancy tenta situar-se o mais próximo possível da *strução*, para mostrar sua positividade [...] De fato, o maior risco do nosso tempo não é apenas aceitar esse estado de construção, mas colaborar ativamente com ela, sem restrições – sem modéstia ou distância. Colaborar na justaposição é considerar que tudo o que é pode ser definido no mesmo plano, horizontalmente, como objetos que se acumulam de acordo com o modelo de uma lista: um urso branco, uma usina nuclear, uma pessoa indocumentada, um telefone portátil... De tal perspectiva, tudo se torna plano, objeto, equivalente”. Neyrat, *F Le communisme existencial de Jean-Luc Nancy*, op. cit. p. 15.

58 A esse respeito Nancy cita um conto de Dostoiévski em que ele diz: “O homem serve para construir, isso é certo: mas por que ele gosta tanto de destruir? Não seria porque tem um horror instintivo a atingir o objetivo de concluir suas construções?” Dostoiévski apud Nancy, J.-L. *Arquitectura: do senciante e do sentido*. Tradução: M. Vieira e M. P. Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2020, p. 36.

abandonados, as mercadorias-escombros da força capitalista para as quais olham também os surrealistas tentando ressignificá-las e que mostram seu poder revolucionário<sup>59</sup>.

Ora, não se trata de re-construir a partir dessas ruínas, nos diz Nancy. Temos que olhar para o paradigma construtivista e o seu processo desconstrutivo autoimune para entrever o que está além. Não temos que voltar ao gesto inovador que edificou e inaugurou, mas ao que está além de construção e desconstrução: a *strução*. Pilha sem princípio e sem fim. Essa significa: “Juntar, amontoar. Na verdade, não é a ordenança, nem a organização que implicam a con- e a in-strução. É o amontoado, o conjunto não organizado. É também contiguidade e copresença, certamente, mas sem princípio de coordenação”<sup>60</sup>. A *strução* nos permite permanecer na desordem sem ir além à procura infinita de uma ordem ou de um criador. Ela nos ajuda a parar na contingência, na errância, no proliferar contínuo das coisas que não param de com-parecer umas às outras. Tudo junto em um conjunto sem nenhum *com* existencial. Uma *destinerrância*, ecoando Derrida, que não nos orienta, que não procura um aquém e um além, mas obriga a ir, a existir como experiência sempre renovada. Ela mostra não apenas a necessidade de viver sem buscar mais os grandes ideais da metafísica, mas também aponta para uma desordem originária que precede qualquer construção.

*Strução*, todavia, que não leva a uma equivalência geral, mas a afirmação da nossa existência singular-plural e que mostra como a construção e a desconstrução são, na verdade, entrecosturadas. Elas se entrepertencem: “a construção carregou consigo o germe da desconstrução. O que a princípio se apresentou como a extensão da junção e da montagem dos instrumentos, revelou outra natureza: a da combinação, da interação e, depois, do *feedback*”<sup>61</sup>. Contiguidade sem o *com* da partilha, justaposição das coisas que não faz sentido, mas que se repete a cada toque, a cada repetição e reafirmação de origem. Ela não se situa em um passado fundador nem em um futuro utópico,

---

59 Em Benjamin, lê-se: “Ele [o surrealismo] pode orgulhar-se de uma importante descoberta. Foi o primeiro a ter pressentido as energias revolucionárias que transparecem no “antiquado”, nas primeiras construções de ferro, nas primeiras fábricas, nas primeiras fotografias, nos objetos que começam a extinguir-se, nos pianos de cauda, nas roupas de mais de cinco anos, nos locais mundanos, quando a moda começa a abandoná-los”. Benjamin, W. O surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia. In: *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas*; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 25.

60 Nancy, J.-L. *Arquívada: do senciante e do sentido*, op. cit. p. 38.

61 *Ibidem*, p. 42.

mas é um presente que nunca chega a ser presente. A *strução* foge à diacronia temporal linear operando um corte, uma cisão em que ela aparece. Ruptura e passagem ao mesmo tempo. Ela possibilita a construção e a desconstrução sem ser fundacional.

Mas então como pensar a “nossa” história em uma época em que ela parece “suspensa”, sem nenhuma teleologia, sem nenhuma *arché*, princípio ou início, sem nenhuma garantia externa e quando as grandes narrações e as teodiceias terminaram? Como pensar o “nosso tempo” se esse não é mais capaz de “fazer história” deixando-nos aprisionados não apenas em um sentimento de angústia imobilizador, mas também na deriva de um historicismo que vê nos acontecimentos históricos apenas efeitos de efeitos? As perspectivas clássicas historiográficas em jogo são: por um lado, o paradigma teleológico que vê nela um processo linear em direção a um seu ultrapassamento redentor e, por outro, o ideal cumulativo historicista que empilha os fatos em um tempo homogêneo e vazio. Ora, é através da desconstrução que, segundo Nancy, podemos vislumbrar justamente a singularidade que desune a suposta unidade e fixidez da história lançando-a em eventos sempre novos e por vir, e mostrando como o passado torna-se uma “estranheza” (milagre grego) somente enquanto temos *uma* história em lugar do processo de uma história universal.

Contrariamente à história cumprida que absorve o indivíduo no seu desenvolvimento processual, a “nossa” história é definida por Nancy como acabada. Ela nada mais é que a apresentação da existência de cada um que quebra a circularidade do tempo fechado em si, o tempo da historiografia burguesa que vive em um eterno presente dilatado. História e finitude, portanto, representam nada mais que uma tautologia porque ambas testemunham o fim da essência e a abertura de uma ex-istência sempre ex-posta à alteridade e ao seu fora. História, portanto, que não é representável porque não é o presente de um passado para ser rememorado, como também não é o por vir nem o progredir causal da natureza ou o seu desenvolver-se, mas, sim, o que vem e o que está aqui e agora. Isso significa que nós não somos o progresso, a evolução de uma substância que se aprimoraria na individualidade ou na coletividade de um tempo “cheio”, mas a heterogeneidade de uma origem que não possuímos e que não nos funda, mas que é espacial e escritural.

Não temos mais os grandes acontecimentos da história, mas tudo que acontece, na medida em que acontece, é evento. Citando “o tempo agora”<sup>62</sup> de

---

62 Permito-me aqui reenviar ao meu texto: “*Jetztzeit*, “tempo agora”, “o atual”, “o agora”. Este termo em alemão significa simplesmente o “hoje”, o “presente” em seu significado mais comum e

Benjamin, Nancy afirma que o nosso tempo é um tempo repleto de “nós, agora”<sup>63</sup>, cheio da nossa existência enquanto sempre exposto ao aparecer de nós mesmos no espaço. Se filosoficamente a história foi entendida como construção do sujeito, ou seja, de um “[...] sujeito que se torna o que é (a sua própria essência) representando-se si mesmo a si mesmo”<sup>64</sup>, uma vez que essa Forma acabou, a filosofia tem finalmente a possibilidade de pensar aquilo que está “fora da Ideia” e a suspensão do nosso tempo. É nesse “nosso tempo” que, depois da reabsorção da história pela Ideia, podemos vislumbrar uma compreensão nova da temporalidade. Com esse adjetivo possessivo, todavia, não temos que entender um tempo que seria controlado ou dominado inteiramente pelo homem, mas uma apropriação que, como tal, deve imobilizar, suspender seu fluir, tornando-se espaço, espaçamento. O espaço especializa o tempo tornando-o evento e ele acontece somente a partir de uma particular reciprocidade entre “nosso” e “tempo” que permite que haja um “tempo de espaço comum”<sup>65</sup>. Nossa existência, nosso “nós” não antecede, mas corresponde então ao acontecer da história que se dá como espaço comum. O que temos a fazer é parar de procurar uma origem como fundamento e de representarmos uma etapa da história, e “participar de um espaço de tempo como uma comunidade”<sup>66</sup>, ou seja, expor-nos ao acontecer, e tornarmo-nos, portanto, históricos.

### Considerações finais

Como pensar uma filosofia além dela, uma pós-filosofia, uma filosofia não-filosofia, uma vez que essa se encontra exânime e incapaz de ressignificar o

---

atual. A *Jetztzeit* aparece pela primeira vez na tese XIV. Esta temporalidade não apenas representa a necessidade de ruptura com o tempo linear, homogêneo e vazio típico do historicismo, ao qual Benjamin contrapõe um tempo “carregado” e integral. [...] . A *Jetztzeit* é apenas essa constelação. Embora se refira ao presente, é a capacidade de um dado passado sobreviver além de sua própria época e revolucioná-la. [...] É precisamente quando o passado e o futuro se encontram que a centelha da *Jetztzeit* golpeia e que se pode revolucionar o presente e redimir o passado de opressão. A *Jetztzeit* é o “pacto secreto” que liga um momento específico do presente a um momento do passado. É este “Tempo agora” que aglutina a história do passado como em uma grande concentração, que desmonta o turbilhão da história”. Spiga, D. O instante revolucionário da *Jetztzeit*. *Aufklärung: revista de filosofia*, [S. L.], v. 8, n. 1, p. 60, 2021

63 Nancy, J.-L. *La communauté inoperosa*. Tradução nossa. Napoli: Cronopio 2003, p. 226.

64 *Ibidem*, p. 202.

65 *Ibidem*, p. 206.

66 *Ibidem*, p. 226.

próprio significado?<sup>67</sup> Talvez somente pensando essa filosofia acabada não apenas como uma filosofia cujo espaço interior é votado e tensionado de dentro para fora, mas também cuja força catalizadora e centrípeta torna-se finalmente centrífuga e dispersiva. É necessário pensar uma filosofia cujo objeto próprio torne-se “em comum”, em que cada terreno endógeno se torne espaço exógeno não autorreferencial, um pensamento que saiba lidar com “os riscos dos extremos”<sup>68</sup> e com bordas sempre retraçáveis novamente.

Deixar o corpo do Ocidente nu, livre de todas as suas incrustações e de todos os véus. Quer dizer, é necessário “desnudar” o pensamento, desconstruir as fixações linguísticas para exprimir e significar o mundo diversamente e expressar o inexprimível. Essa é a tentativa ambiciosa de Jean-Luc Nancy. Ao colocar o múltiplo e a diferença no lugar do Uno, do ser, da identidade, da imanência autárquica, sustando-o na borda, na *brisure* e no espaçamento (*entre*), Nancy torna explícito seu projeto desconstrutivo para além da desconstrução e lança o desafio de uma “ontologia da relação”<sup>69</sup> como ontologia estética do *com*.

## Referências

- BATAILLE, G. *Teoria da religião*. Tradução Fernando Scheibe. Belo horizonte: Autentica, 2016.
- BENJAMIN, W. *O surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia*. In: *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas*; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BILLI, N. Ontologia y política: una relación sexual. In: *Jean-Luc Nancy: arte, filosofía, política*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2012.

---

67 Com essa diagnóstico Nancy responde a essa pergunta: “A esta altura, sinto-me tentado a dizer que a desconstrução já ficou para trás. O mundo moderno está realmente fora de qualquer tipo de referência a uma unidade origem-fim. A experiência do nosso mundo é a de um ser errante - na melhor das hipóteses - ou de pânico - na pior das hipóteses. Nossa pergunta então não é mais: ‘Qual é a verdade? (ou: de onde viemos? para onde vamos?)’, mas sim: “basta fazer a pergunta? toda pergunta não pré-determina sua própria resposta?”. A entrevista completa se encontra em: <https://www.doppiozero.com/che-cose-la-decostruzione>.

68 Nancy, J.-L. *Il peso di un pensiero: l'approssimarsi*. Tradução nossa. Milano: Mimesis, 2009, p. 129.

69 A fórmula da ontologia da relação é usada por C. Meazza, em sua *Comunità svelata*, para se referir ao “ser-com” de Nancy. Nancy também usa essa fórmula em uma nota de *Ser singular plural*, trazendo de volta, para É. Balibar, a filosofia de Marx.

- DERRIDA, J. *La scrittura e la differenza*. Tradução: G. Pozzi. Torino: Einaudi, 1990.
- DERRIDA, J. *Espectros de Marx*. Tradução: A Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DERRIDA, J. *Politiche dell'amicizia*. Tradução: G. Chiurazzi. Milano: Cortina, 1995.
- DERRIDA, J. *Come non essere postmoderni. Post, neo e altri ismi*. Milano: Medusa, 2002.
- DERRIDA, J. *Rogues*. Tradução: A. P. Brault; M. Nass. California: Stanford University press, 2005.
- DERRIDA, J. *Toccare*. J.-L. Nancy. Tradução: A. Calzolari. Genova: Marietti, 2007.
- DERRIDA, J. *Psyché. Invenzioni dell'altro*, vol. I. Tradução: R. Balzarotti. Milano: Jaca Book, 2008.
- DUCCI, B. *La comunità del disincanto*. Firenze: Editrice Clinamen, 2014.
- CALDARONE, R. *Prefazione. Jean-Luc Nancy e l'iperbole del finito*. *Epekeina*, v. 3, n. 2, p. 11-17, 2013.
- COELHO, C. C. *Ontologia, um materialismo mágico: a bruxa, a ciborgue, a vegana, o canibal, o cristo, o vírus, o zumbi, o capital, a natureza e os bichos*. Rio de Janeiro: Ape'Ku: 2020.
- ESPOSITO, R. *Introduzione. Libertà in comune*. In: NANCY J.-L. *L'esperienza della libertà*. Tradução: D. Tarizzo. Torino: Einaudi, 2000.
- EYBEN, P. *Segredo intrusivo, tu infidas teu ti*. In: EYBEN, P. (org.). *Pensamento intruso: Jean-Luc Nancy e Jacques Derrida*. São Paulo: Editora Horizonte, 2014.
- FYNSK, C. *Foreword: Experiences of finitudes*. In: *The inoperative Community*. Minneapolis: University of Minnesota, 1991.
- MONTEIRO, H. *Figurações do infigurável: entre Jacques Derrida e Jean -Luc Nancy*. In: *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, n. 45, 2013.
- MORIN, M. E. *Putting community under erasure: Derrida and Nancy on the plurality of singularities*. *Culture Machine*, v. 8, 2006.
- NANCY, J.-L. *Un pensiero finito*. Tradução: L. Bonesio. Milano: Marcos y Marcos, 1992.
- NANCY, J.-L. *Essere singolare plurale*. Tradução: D. Tarizzo. Torino: Einaudi, 2001.
- NANCY, J.-L. *Il pensiero sottratto*. Tradução: M. Vergani. Torino: Bollati Boringhieri, 2003.
- NANCY, J.-L. *La creazione del mondo o la mondializzazione*. Tradução: D. Tarizzo. Torino: Einaudi, 2003.
- NANCY, J.-L. *La comunità inoperosa*. Tradução: A. Moscati. Napoli: Cronopio 2003.
- NANCY, J.-L. *Le differenze parallele: Deleuze e Derrida*. Tradução: T. Ariemma e L. Cremonesi. Verona: Ombre Corte, 2008.
- NANCY, J. -L. *Prendere la parola*. Bergamo: Moretj&Virali, 2013
- NANCY, J.-L. *Il peso di un pensiero: l'approssimarsi*. Tradução: D. Calabrò. Milano: Mimesis, 2009.
- NANCY, J.-L. *Politica e "Essere con"*. F. De Petra (org.). Milano-Udine: Mimesis, 2013.
- NANCY, J.-L. *Apertura dell'aporia*. In: Eyben (org.), *Pensamento intruso: Jean-Luc Nancy & Jacques Derrida*. São Paulo: Editora Horizonte, 2014.

- NANCY, J.-L. *A declosão (Deconstrução do Cristianismo, 1)*. Tradução: A. Carvalho, A. Mendes, B. Padilha e F. Bernardo. Coimbra: Palimage/Terra Ocre Ed., 2016.
- NANCY, J.-L. *Arquívada: do senciante e do sentido*. Tradução: M. Vieira e M. P. Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2020.
- NEYRAT, F. *Le communisme existenciel de Jean-Luc Nancy*, Paris: Lignes, 2013.
- SPIGA, D. O instante revolucionário da Jetztzeit. *Aufklärung: revista de filosofia*, [S. L.], v. 8, n. 1, p. 59–74, 2021.
- TUPPINI, T. J.-L. *Nancy. Le forme della comunicazione*. Roma: Carrocci, 2012.
- VATTIMO, G. *Derrida e l'oltrepassamento della metafisica*. In: DERRIDA, J. *La scrittura e la differenza*; Torino: Ed. Giulio Einaudi, 1990.
- VILLANI, M. Introduzione. Arte, vita e politica nel disegno filosofico di Jean-Luc Nancy. In: *Il disegno del piacere*. Milano-Udine: Mimesis edizioni, 2017.
- VILLANI, M. *Arte della fuga: Estetica e democrazia nel pensiero di J.-L. Nancy*. Milano-Udine: Mimesis, 2021.